



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO SEM REVISÃO

COMISSÃO DO ESPORTE - SUB. ESP. ARTES MARCIAIS MISTAS			
EVENTO: Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 0414/17	DATA: 04/05/2017	
LOCAL: Plenário 04 das Comissões	INÍCIO: 10h06min	TÉRMINO: 12h02min	PÁGINAS: 43

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO
WALLID FARID ISMAIL - Presidente do Jungle Fight Championship. JENNIFER MAIA - Atleta de MMA. RAFAEL THOMAZ FAVETTI - Presidente da Comissão Atlética Brasileira de MMA.

SUMÁRIO
Discussão sobre o papel e os desafios das mulheres na prática das Artes Marciais Mistas no Brasil.

OBSERVAÇÕES
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO, APENAS PARA CONSULTA.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Bom dia a todos! Esta reunião de audiência pública está sendo realizada em razão da aprovação dos Requerimentos nºs 125, de 2016, de iniciativa minha e dos Deputados João Derly e Flávia Moraes, e 160, de 2017, de iniciativa do Deputado Fábio Mitidieri.

A reunião visa discutir o papel e os desafios das mulheres na prática das Artes Marciais Mistas no Brasil — MMA.

Inicialmente, quero agradecer a presença do nosso colega Deputado Herculano, que também é um grande apaixonado do MMA. Eu já tive a oportunidade de me encontrar com o Herculano no UFC de Curitiba e ver o seu papel. Também quando foi Prefeito de Itu, S.Exa. foi um grande incentivador também do Jungle Fight em São Paulo, conforme dissera o Wallid Ismail.

Agradeço a presença do Wallid Ismail, que é Presidente do Jungle Fight, o maior evento de MMA do Brasil. É um orgulho para nosso País sediar um evento desse porte e tê-lo aqui em nossa Casa. Agradeço a presença da atleta de MMA Jennifer Maia, campeã da Invicta FC. Também é outro orgulho para nossa Casa hoje ter uma campeã mostrando a importância das mulheres nas artes marciais, no MMA, agora ocupando o espaço de campeã, que era antes destinado aos atletas homens no Brasil. Agora nós temos uma campeã no Invicta e um campeão do UFC. Isso também é motivo de orgulho para os amantes do MMA.

Quero pedir ao Deputado Herculano que componha conosco a Mesa. Peço aos colegas que pudéssemos, a partir desta audiência pública, engrandecer o MMA feminino, o MMA brasileiro, saber um pouco da nossa realidade, da experiência que o atleta tem no início da sua carreira, se há preconceito, como é ser atleta de MMA feminino no Brasil e a realidade dos eventos de MMA no Brasil. O Wallid pode contribuir muito conosco, porque se existe um Jungle Fight, existem também aqueles eventos pequenos, em que muitos atletas, às vezes em nome do sonho de se tornar grande campeão, se arriscam sem as devidas garantias e segurança do seu próprio corpo. Esse é um problema hoje que também vamos debater nesta Comissão.

Antes de convidar o Wallid para fazer uso da palavra, quero dizer que convidamos a atleta Kalindra, mas ela não pôde estar presente porque perdeu o voo. Se fosse para aguardá-la, ficaria complicado porque iria para o período da



tarde. Mas ela fez um vídeo que vai ser passado para todos poderem ouvir o seu depoimento. Também a atleta Bethe Correia fez um vídeo para a Comissão, falando um pouco da sua vida e da sua rotina. Vai ser importante também ouvir o depoimento da nossa Bethe Correia. Estamos ainda aguardando o Favetti, que é Presidente da Comissão Atlética Brasileira de MMA. Chegou? Não o havia visto. Depois, passe a integrar a frente. Como sugestão, em vez de compor a mesa, acho que seria melhor que todos preenchessem a primeira fila, como fizemos na última audiência pública.

O SR. DEPUTADO SABINO CASTELO BRANCO - O Deputado Sabino também adotou (*Intervenção fora do microfone. Inaudível*).

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Graças a Deus, Deputado. Seja bem-vindo à Comissão. Muito obrigado pela sua presença, que vai ser importante para debater esse tema. V.Exa. é do ramo também? Gosta? Então, acho que é importante a presença.

Quero iniciar a audiência passando a palavra para o Wallid Ismail, Presidente do Jungle Fight, para que ele comece falando um pouquinho da sua experiência. O Wallid poderia vir aqui para frente.

O SR. DEPUTADO SABINO CASTELO BRANCO - Presidente, uma sugestão: peça ao pessoal lá atrás para que venha para frente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Podemos fazer isso. Toda vez que forem falar venham para frente, para preencher mais esse espaço.

Obrigado, Deputado, pela sugestão.

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Quero agradecer a presença de todos. É muito importante o MMA feminino. E disso eu posso falar muito bem, Deputado, porque fui eu que levei o MMA feminino para os Estados Unidos, pelo Elite XC. Eu deia a ideia ao Ken Hershman, que era o *general manager* da *Showtime*, e falei para ele da importância do MMA feminino que já fazíamos no Brasil.

Há uma controvérsia porque ele falava que havia uma lutadora que já lutou. Mas eu coloquei a luta feminina no Brasil em 2004 ou 2005. Não era muito popular.

Realmente, hoje as mulheres são protagonistas no esporte. Pode-se ver que agora a Bethe Correia vai fazer a luta principal no dia 17 de junho lá em Singapura. Então, isso é muito importante. Quem imaginava? Eu imaginava, modéstia à parte,



porque sempre vi as mulheres com vontade e com determinação incríveis. Hoje, elas têm a mesma moral que os homens, como deve ser. É o que digo: as mulheres têm que fazer todos os esportes que queiram porque são capazes tanto quanto os homens, são muito capazes.

Eu fico muito feliz de hoje o esporte ter explodido. Ele explodiu a partir do seu começo nos Estados Unidos, no Elite XC. E a ideia foi minha, um brasileiro. Isso é muito legal. Eu fico feliz de ver a Jennifer e tantas guerreiras brasileiras lutando. E, no Jungle Fight elas têm um papel importantíssimo.

Eu só quero agradecer a esta Comissão. Realmente, há muito trabalho a ser feito pelo MMA, porque relativamente é um esporte novo que começou no Brasil. Imagine isso: um esporte que hoje é dos maiores do mundo começou no Brasil. Isso é incrível! E o Brasil é um dos países mais fortes e tem os melhores atletas. Com o apoio do Congresso e com apoio público, realmente, o esporte vai para um patamar muito maior. Tenho a alegria de contar com a amizade do Deputado Herculano Passos, já há muitos anos, e ele sempre foi o grande incentivador do Jungle Fight, em São Paulo. Muitas etapas aconteceram porque ele é um amante dos esportes. Na época, ele levou o Prefeito Kassab e tantos outros. Esse é só um caso. Há tantos outros.

Temos aqui o Sabino, que é meu amigo de infância, Deputado Federal lá do Amazonas, que também treinou muitos anos e treina ainda. O filho dele, que foi o vereador mais votado, ama o MMA.

Então, fico feliz em ver as pessoas da minha geração em posições de comando na área pública e realmente dispostas a dar um apoio muito grande ao MMA.

O senhor, Deputado Fábio, tem um trabalho enorme e é uma coisa para ficar para a História, porque o MMA é muito novo e o seu apoio pode ser fundamental nessa frente do esporte.

Só tenho a agradecer a sua iniciativa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Nós é que agradecemos ao Wallid.

Após essa introdução, temos alguns questionamentos. Quero justificar a ausência do Deputado João Derly, Relator da Subcomissão. A sua esposa está para



ganhar neném e ele está acompanhando-a. Pelo que Lindberg me informou agora, foi alarme falso, mas S.Exa. está acompanhando sua esposa e pediu para justificar. Nosso João Derly é bicampeão mundial, um grande atleta do judô e que também fez muito pelo esporte brasileiro.

Deputado Sabino, eu acho que ficaria mais dinâmico se ouvíssemos primeiro a participação de todos para depois fazermos os questionamentos, porque há muita pergunta: se há diferença entre homens e mulheres na hora da organização do evento, se há uma estrutura à parte para receber as mulheres. Muita gente faz essas perguntas porque antigamente era o mesmo vestiário. Antigamente, era tudo feito para o homem, porque as artes marciais tinham uma forma mais masculinizada. Hoje, há a participação das mulheres. Como é isso? Há essas dificuldades. Mas esses questionamentos eu gostaria que fossem respondidos depois que tenhamos pelo menos a abertura das palavras dos colegas.

Passo a palavra para a nossa campeã, minha amiga Jenniffer Maia, que também tem orgulhado o nosso País.

A SRA. JENNIFFER MAIA - Primeiramente, quero agradecer a oportunidade de estar aqui. Eu comecei a praticar esporte, muay thai, com 15 anos — sempre gostei de esporte — e me identifiquei com esse esporte e fui evoluindo cada vez mais. Sempre gostei de competir também e assim apareceu a oportunidade de competições amadoras.

No começo, eu já consegui muitas vitórias. Fui me destacando. O MMA estava em evidência e eu parti para o MMA. A cada dia que eu luto, sinto paixão por esse esporte. Fico feliz, dentro desse esporte e em ter conquistado o sonho de ser campeã mundial na minha categoria.

Eu só tenho a dizer que, dentro do MMA, eu consegui muitas conquistas e muitas realizações, carinho e respeito de todo mundo e até da minha família, que, no começo, achou que era só uma coisa passageira, que eu comecei a treinar nova, que isso não tinha futuro. Eu consegui provar para eles que, dentro desse esporte, eu tinha um futuro e que eu ia ser feliz nele.

Então, sou muito grata e fico muito feliz em ver que esse esporte está mais em evidência agora. Acredito que as mulheres vão conseguir mostrar que são boas tanto quanto os homens, cada vez mais.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Parabéns, Jenniffer!

Depois das apresentações, faremos nossos questionamentos, mas nós temos algumas dúvidas: como é a relação com os fãs, se é diferente, ainda mais agora que você se tornou campeã. Eu como fã do MMA, tenho uma forma de abordagem do atleta, que é sempre mais efusiva. Vou dar um exemplo: eu assisti um evento de UFC, em Los Angeles. No dia anterior, houve um jogo da NBA. O torcedor da NBA só grita ataque, defesa. É muito educadinho. No outro dia, no UFC, era aquela gritaria, aquele xingamento, aquela coisa que é do homem, aquela explosão. Nesse dia, lutou a Ronda também, e o sentimento que a gente tinha é de que era a mesma coisa. Tanto faz ser homem como mulher, você está na mesma vibração, na mesma animação e aí você percebe o quanto o MMA feminino cresceu. E quando você tem uma mulher encabeçando um *card*, você diz que chegou e chegou para valer. Como disse o Wallid, agora haverá uma brasileira também encabeçando o *card*. Já temos brasileiras campeãs como Jennifer e Amanda Nunes. Isso engrandece muito.

A gente também tem dúvida sobre se muda essa relação com o torcedor, com o fã do atleta masculino e com o fã do atleta feminino, se é a mesma forma de falar, de abordar, sobre se existiu preconceito ao longo da sua carreira e de outras colegas suas de profissão.

A gente sabe a dificuldade que é chegar em casa e dizer a um pai, a uma mãe, que resolveu ser atleta de MMA. Eu entendo que pode ser difícil, mas você enfrentou e hoje está aí colhendo os frutos, mas existem outras pessoas que ainda estão naquela caminhada. Nos eventos que realizados no Brasil, você encontra a estrutura necessária para você praticar? Isso tudo você responderá daqui a pouco, depois da apresentação do nosso amigo, Favetti, que é da Comissão Atlética Brasileira — CAB. Não é isso?

Favetti, mais uma vez, é um prazer reencontrá-lo.

O SR. RAFAEL THOMAZ FAVETTI - Um bom dia a todos, especialmente ao Deputado Mitidieri, Deputado Herculano, colegas da Mesa, como o presidente Wallid falou, MMA é uma coisa relativamente nova no mundo dos esportes, mas eu acho que mais importante do que ser novo é que o MMA não participa da pirâmide olímpica. Não só o MMA como alguns esportes que estão crescendo muito, consigo destacar o conglomerado *ironman* — é inegável que um atleta *ironman* é um atleta



— e o *crossfit*, que já tem academias espalhadas no Brasil inteiro, no mundo inteiro, há atletas de *crossfit*, que também não participam da pirâmide olímpica.

O MMA não participa da pirâmide olímpica. A pergunta que eu faço é: na deontologia desportiva, é caminho natural de todo esporte navegar para a pirâmide olímpica ou não? Isto é, é possível um outro mundo, é possível você desenvolver uma prática desportiva com atletas desse esporte — e aí já vamos entrar no MMA feminino — sem navegar necessariamente para a pirâmide olímpica? Por que eu digo isso? Porque dentro da pirâmide olímpica, temos as organizações feitas por confederações. Federações e confederações têm três preocupações básicas. A primeira delas é organizar campeonatos. Então, a CBF organiza o campeonato brasileiro de Futebol, a FIFA organiza o Campeonato Mundial e etc. Nós tivemos aqui a Copa no Brasil, o ano que vem será na Rússia, organizadas por uma confederação mundial.

A segunda coisa que faz o sistema federativo, e por aí vai, é organizar seleções. Portanto, eu tenho a terceira coisa que é o componente de Nação. No MMA, no *ironman* e no *crossfit*, nós não temos isso. É uma desruptura. Desrupturas que acontecem com questões que vocês já viram aqui como Uber e etc. acontecem também no esporte, em outras palavras, o MMA está para o universo desportivo assim como o Uber está para o universo de alocação de carros, assim como a Airbnb está para o aluguel de imóveis. Por quê? Porque não faz parte, nem o *crossfit*, nem o *ironman*, nem alguns outros, desse sistema confederativo mundial. Aliás, não é uma crítica ao sistema confederativo mundial. O sistema confederativo mundial evidentemente está tendo alguns probleminhas, por exemplo, no Departamento de Justiça Americano. Está havendo algumas acusações, por exemplo, sobre *bribery*. Já houve duas CPIs, nesta Casa. Já houve uma CPI, no Senado. O nosso sistema — e aí já vou incluir o MMA feminino — não tem nada disso, porque nós não lidamos com essa unicidade de feitura de campeonatos. Os campeonatos são organizados por empresas privadas. O de *crossfit* é organizado pela Reebok, o de *ironman*, por uma empresa própria. No Brasil, nós temos o presidente Wallid, que é o CIO do maior campeonato brasileiro, e há uma legitimidade quanto a isso, isto é, as pessoas que assistem Jungle Fight, vendo os outros campeonatos, legitimam e acreditam que aquele campeonato tem uma



seriedade, tem o que chamamos de transitividade no esporte, isto é, você não tem o dono da cadeira que permanece lá e só luta. Não, o CIO do Campeonato Jungle Fight diz: você tem de lutar com fulano, que é o segundo a lista, que é o terceiro da lista, quarto da lista. Não existe o dono da cadeira. Então, essa legitimidade desportiva e essa diferença na forma de organizar o MMA brasileiro e mundial criou o que chamamos, no universo da filosofia, de uma paraconsistência desportiva; isto é, a legitimidade está se dando pelo procedimento. Só, e somente só, porque o MMA está organizado dessa maneira é que nós temos hoje a existência do MMA feminino. Por que eu digo isso? Porque, se nós tivéssemos o sistema federativo tradicional, se nós tivéssemos o sistema confederativo tradicional, vinculado à pirâmide olímpica, etc., nós nunca teríamos o MMA feminino organizado como hoje. Por quê? Porque a federação teria que fazer um estudo, mandar para a Confederação Mundial, mandar para o COI, que devolveria esse estudo. Para fazer estudos de novas práticas, o COI demorar algo em torno de 6 anos a 7 anos.

Aqui nós vimos como começou o MMA feminino. O Professor Wallid, Sensei Wallid, teve uma ideia. Essa ideia foi lançada; começou no Brasil; depois o UFC a abraçou; agora ela se espalhou, e nós temos atletas como a Jennifer aqui. Quer dizer, essa forma de organização do esporte completamente diferente, completamente disruptiva é o que permite a existência do MMA feminino.

Aí vem a pergunta: e como se trata o MMA feminino? Eu afirmo para vocês que se trata basicamente com a mesma seriedade, com a mesma legitimidade que o MMA entre homens. É claro que se têm algumas preocupações no sentido da diferenciação, do que deve ser diferente.

Por exemplo, o Deputado Fábio Mitidieri perguntou: como é a questão do vestiário? Os vestiários são diferentes. As mulheres se aquecem em vestiários diferentes dos vestiários dos homens. Isso também ocorre entre os adversários. Mesmo no caso dos homens, os adversários não se aquecem no mesmo vestiário, se aquecem em vestiários diferentes. As mulheres se aquecem em vestiários diferentes, pelo menos na nossa Comissão. Eu não conheço a realidade inteira, mas é assim que se faz na nossa Comissão Atlética.

E o importante não é só essa questão de procedimento. Eu acho que, claro, devemos falar de procedimentos. Os procedimentos são importantes, porque são as



coisas reais. O fenômeno se dá através do procedimento, mas o número da coisa, a substância está em quê? Para os organizadores, para a Comissão Atlética, o MMA feminino é visto com a mesma seriedade, com o mesmo grau de preocupação que o MMA dito masculino.

E mais: notamos que a quantidade de fãs das atletas é exatamente a mesma quantidade de fãs dos atletas. Isto é, o MMA permite essa ruptura em relação ao sistema tradicional confederativo, em relação ao velho e talvez carcomido sistema getuliano — porque isso vem de Getúlio. Há até uma tese de doutoramento defendida na UnB agora sobre a origem desse sistema do COI. Impressionantemente, veio também de um brasileiro, Getúlio Vargas, Presidente do Brasil. Isto é, essa velha situação do sistema confederativo não permitiria que o MMA feminino existisse hoje.

Por fim, o MMA feminino está absolutamente enraizado já, ele não está se fazendo ainda, já está enraizado na Comissão Atlética, no Jungle Fight e nos principais organizadores mundiais. Já é um fato, não é algo que vai acontecer. Já é um fato: os atletas já têm seus fãs, há um sistema de luta já completamente pronto. E, claro, à medida que se vão tendo atletas de pesos diferentes em número, vão-se criando categorias diferentes. Por que nós temos mais categorias, hoje, de homens do que de mulheres? Porque está ainda se formando, aí sim, categorias diferentes por causa do número de atletas femininos.

Então, a minha mensagem é: esse sistema do MMA está dando certo, esse sistema proporcionou a abertura do MMA feminino e de pessoas como a Jennifer Maia, que deu o seu testemunho, que acreditou que isso era possível estar fazendo. E, por fim, do lado de cá do balcão, e aí eu falo por mim, e falo também evidentemente pelo sensei Wallid Ismail, nós não vemos nenhuma diferença entre a organização de um MMA feminino e do dito MMA masculino. A diferença que existe são para alguns procedimentos, porque as diferenças têm que ser colocadas, em especial, nessa situação de preocupação, especialmente, com a saúde das atletas.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Obrigado pela sua explanação, Sr. Rafael Favetti. *(Pausa.)*



Queria também aproveitar para comunicar que essa audiência pública está sendo transmitida pelo Portal *e-Democracia* com um *link* disponível na página da Comissão de Esporte no Portal da Câmara dos Deputados, possibilitando, assim, a participação popular por meio de perguntas dirigidas a esta Comissão.

Aí Favetti, ouvindo o que você falou sobre legitimidade, tenho um questionamento, porque, no próprio UFC, há uma crítica dos próprios atletas que dizem que muitas vezes o melhor ranqueado não disputa o cinturão por questão de interesses econômicos. Às vezes, um atleta é melhor de *marketing*. Vemos um Chael Sonnen, muitas vezes, conseguindo no passado, quando ainda atleta, disputar um *title shot* quando não merecia em relação ao *ranking*. E outros atletas por ter um estilo mais marqueteiro, vamos dizer assim, conseguem pular à frente, e aí vem a questão econômica.

E aí há um questionamento daqueles que defendem o estilo da Federação, como é hoje, que se fosse no Boxe teria que obedecer o *ranking*. E isso também é algo que é muito discutido. Eu vejo muitos atletas dando depoimento: “*Ah! Não está certo correto o tratamento*”. Isso especificamente no UFC, para ser muito claro. Não acompanho isso, na realidade, mas nos outros eventos.

E, também, uma outra situação que questionamos. Falando de UFC, ainda, o próprio Dana White já, em várias oportunidades, colocou que gostaria de ter o MMA nas Olimpíadas.

Então, é algo, assim, que eu não sei se seria ruim para o esporte. Eu acho que a Olimpíada é o apogeu, o ápice do esporte. E o MMA cresceria, claro, devido às regras, com proteção. Isso seria bom.

Agora eu entendo que o sistema que existe hoje permite, sim, que consigamos ter um avanço mais rápido do esporte.

Mas, antes de passar a palavra para os colegas Deputados também interagirem, nós temos dois vídeos aqui: um da Bethe Correa e outro da Kalindra Faria, que gostaríamos também de apresentar.

Eu queria pedir ao pessoal da assessoria que passasse esses vídeos.

(Exibição de vídeo.)



O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Está aí a Bethe Correa dando o seu depoimento, falando também um pouco das dificuldades que comentávamos aqui há pouco.

Agora, temos o vídeo da Kalindra Faria, que perdeu o voo, não teve como estar aqui, mas fez questão, também, de gravar um depoimento.

(Exibição de vídeo.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Encerrou? *(Pausa.)*

Bom, o importante também dito pela Kalindra e pelo seu treinador mostra outro lado: o da mãe atleta. Você já é mãe, Jennifer?

A SRA. JENNIFER MAIA - Ainda não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Ainda não teve essa alegria, mas, se Deus quiser, vai chegar a sua vez.

Ela também falou da dificuldade de patrocínio, que não acontece só no masculino; no feminino, pode ser ainda mais difícil.

Também falou sobre a questão do apoio da própria cidade, do Estado, que, muitas vezes, não enxerga no MMA o potencial que ele efetivamente tem. Há a questão dos cachês, e aí o Wallid vai poder falar um pouco sobre isso. Há a diferença, óbvio — todo mundo sabe —, entre um *camp* no Brasil e um *camp* nos Estados Unidos.

Passo a palavra ao Deputado Sabino Castelo Branco, para sua exposição.

O SR. DEPUTADO SABINO CASTELO BRANCO - Sr. Presidente, Srs. Deputados, nossa campeã Jennifer, Rafael, Wallid, que é do meu Estado, meus cumprimentos.

Para nós, é um prazer ter o Wallid aqui, porque ele saiu lá do Amazonas para fazer história no Brasil e ajudar muitos atletas.

Eu ouvi a atleta dizer que é difícil a vida no MMA, que é mal paga, que não dão apoio, mas ela esqueceu que, se não houvesse os eventos aqui, como o Jungle, ela não estaria lá fora. Se não houvesse alguém que apoiasse aqui no Brasil, não teria como chegar lá fora. Quem abriu essa porta se chama Wallid, que saiu do Amazonas ainda muito jovem, foi para o Rio de Janeiro — conhecemos sua história —, dormia em um tatame na academia do Carlos Gracie e não desistiu dos seus sonhos para chegar onde está, hoje, em nível internacional.



Nós temos orgulho de mostrar para o Brasil e para o mundo que um amazonense se destacou no MMA. Não só o Wallid, mas hoje nós temos o Jacaré, que é lá do Amazonas, o José Aldo, que morava em um bairro muito humilde em Manaus. O Jacaré morava dentro da academia. Hoje, esses atletas se destacaram no mundo e são conhecidos internacionalmente. Então, nós temos orgulho deles.

Eu conheço a história do Wallid. Nós treinamos juntos, convivemos por muito tempo, e é um orgulho para mim ver o Wallid aqui explicando sobre MMA.

Gostaria de dizer que esta Casa — falo por mim — estaremos sempre à disposição. Eu sou amante do esporte e acredito, Deputado, que, se não fosse o esporte, nós estaríamos hoje perdendo a nossa juventude para as drogas. A maioria dos nossos jovens hoje estão nas drogas.

O Zé Aldo morava em um bairro, em Manaus, que é praticamente tomado pelos traficantes. Creio eu, se Deus não desse esse destino à vida do Zé Aldo, não saberia dizer o que seria dele hoje. E a mesma coisa digo em relação ao Jacaré. Eles eram pessoas humildes, mas tiveram a oportunidade na vida de ser campeões mundiais e hoje têm o prazer de viver muito bem. Mas através de quê? Do esporte.

Os traficantes e as drogas não conseguiram alcançá-los. E nós, aqui, nesta Casa, vamos brigar para combater tudo isso, para que esses jovens não sigam o exemplo de outros, que, a qualquer momento, podem ser recrutados pelo crime organizado. De repente, poderemos perder vários campeões para as drogas.

Eu tenho vivido e combatido isso no meu Estado. Quando vejo o sacrifício que o Wallid teve, de chegar onde chegou, e, assim mesmo, ter o sacrifício, a luta, o corre-corre para conseguir colocar um evento a nível nacional e mundial, que é o jungle fight, digo que não é fácil. Ele faz isso para que muitos atletas, que não são conhecidos, tornem-se conhecidos internacionalmente através do jungle fight.

E quero aqui agradecer ao Wallid e dizer-lhe: Wallid, o Amazonas, o Brasil deve muito a você. Agradeço também à nossa atleta, a campeã mundial Jennifer, e ao Rafael. Enfim, nós estamos aqui prontos para ajudar o nosso esporte. Nós estamos aqui para o que for preciso, e, dependendo desta Casa, acredito que todos nós estaremos à disposição.

Quando conseguimos colocar um jovem no esporte, sabemos que nós o tiramos de um outro caminho, que poderia ser totalmente para o mal. Quando ele



está no esporte, sabemos que o futuro dele vai estar garantido, porque, pelo menos, daremos a ele uma educação. E eu tenho certeza de que ele não vai enveredar pelos caminhos errados.

Portanto, quero parabenizar a iniciativa de V.Exa., Sr. Presidente, de fazer essa audiência pública. E faremos outras. Nós temos que ouvir as dificuldades dos atletas. Nós temos que ouvir o que nós podemos fazer, o que esta Casa pode fazer. Nós somos representantes do povo brasileiro. Quem vive o esporte sabe a dificuldade que é praticá-lo. Sabemos o que é a vida de um atleta. Um atleta não pode participar do jungle fight e comer duas vezes por dia. Não pode comer uma proteína somente. Quem pratica esporte sabe que, no mínimo, tem que comer sete vezes por dia. Tem que comer proteína, tomar todas as vitaminas, se não, não vai chegar a lugar nenhum.

Nós temos que incentivar o esporte; temos que criar leis para que as empresas possam incentivar esses atletas, a fim de terem condições. O Governo deve dar bolsas para essas pessoas que querem praticar esporte, para que possam se destacar, representar o Brasil no mundo, a exemplo da Jennifer, uma campeã mundial. Nós sabemos que ela sofreu muito para chegar onde chegou. Sabemos do sofrimento do Wallid, para chegar onde chegou. Mas que não seja sempre assim. Devemos dar-lhes oportunidade.

É louvável a sua iniciativa. Gostaria de dizer que eu vou sempre estar à disposição. A hora em que eu for convocado, este soldado estará aqui, no quartel, para sempre defender a nossa bandeira, viu, Wallid? Conte comigo!

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Obrigado, Deputado.

Deputado Sabino Castelo Branco, V.Exa. colocou coisas importantes aqui também, notadamente com relação à questão das drogas no meio da nossa juventude e como o esporte tem essa função de garantir também um futuro. Nós não sabemos — mas, como atleta, a Jennifer sabe — que o percentual de atletas que vão chegar ao potencial de uma Jennifer, onde a Jennifer está hoje, é muito pequeno.

Então, o esporte tem o compromisso maior de formar o cidadão. Muito mais do que formar o campeão, ele tem o compromisso de formar o cidadão. E já houve



aqui, nesta Subcomissão, audiência pública para tratar do MMA como esporte de inclusão. Estamos tendo esta reunião hoje para tratar do MMA feminino e sua realidade no País. Vamos ter uma outra reunião ainda, já aprovada por esta Casa, para tratar da realidade dos eventos de MMA no Brasil. E esta Comissão vai fazer uma visita a eventos que são realizados no Brasil. Há os jungle fights, mas há também aqueles campeonatos miudinhos, nos recantos do País, onde se vê uma realidade totalmente diferente. E nós temos a obrigação de apresentar aqui um relatório, um possível projeto de lei, a fim de dar garantias mínimas para a prática do desporto.

E V.Exa. colocou muito bem aqui, Deputado Sabino, que, graças a eventos como o jungle fight, muitas pessoas tiveram a oportunidade de estar hoje brilhando pelo mundo. Mas o jungle fight sozinho não vai conseguir dar assistência a todos os atletas que praticam o MMA no Brasil.

Então, nós temos a responsabilidade, nesta Casa, de também garantir que aqueles outros eventos que ocorrem no País tenham condições mínimas para a prática do MMA e que o atleta possa ter a sua saúde garantida e preservada.

Com a palavra o Deputado Herculano Passos.

O SR. DEPUTADO HERCULANO PASSOS - Bom, Deputado Fábio Mitidieri, quero parabenizá-lo por esta audiência. O esporte hoje, como sempre foi, é importantíssimo para a saúde, para a confraternização das pessoas. Como o Deputado Sabino disse, o esporte afasta as pessoas das drogas e socializa. É importantíssimo o esporte como um todo. Então, parabéns, Fábio!

Nós já nos encontramos em alguns eventos do UFC. Então, gostamos das mesmas coisas, e entendo que o MMA hoje é um dos maiores esportes do mundo, porque eu acho que a divulgação e a repercussão de mídia se igualam ao futebol, que é o maior, principalmente aqui no Brasil.

Então, eu quero cumprimentar o meu amigo pessoal Wallid Ismail. Quando fui Prefeito de Itu, eu destinava 3% do Orçamento para o esporte, viu Eugênio? Entendo que ao destinar esses recursos, que eram altos para todas as modalidades esportivas, eu estava deixando de gastar com segurança pública, porque as pessoas não vão para a criminalidade, e, sim, praticar o esporte. Eu estava deixando



de gastar com a saúde pública, porque as pessoas que praticam esporte têm menos problemas de saúde.

Então, o esporte é um investimento. O esporte não é um gasto, viu, Rafael? Na minha visão, na minha ótica, ele é um investimento que temos que fazer, porque iremos deixar de gastar em outras áreas e vai dar qualidade de vida para as pessoas. O poder público tem a obrigação de apoiar todas as modalidades esportivas.

Sou apaixonado pelo MMA. Quando eu era Prefeito, conheci o Wallid e promovemos alguns eventos do Jungle Fight na minha cidade e, além de haver o envolvimento de todas as academias e de todos os atletas da região, isso proporcionou a divulgação do Município por causa da transmissão em todos os veículos de comunicação. Houve a promoção da cidade através do esporte. Entendemos que o esporte proporciona a divulgação e promove aquela região em que está acontecendo o evento.

Há pouco, o Deputado Fábio Mitidieri falou que esteve em Los Angeles num evento do UFC — ele já está falando da cidade. Já estive, várias vezes, em Las Vegas para assistir a grandes lutas. Assisti à luta do Anderson Silva com o Vitor Belfort, em que ele ganhou no primeiro *round*. Viajei, fui lá para assistir, mas em 1 minuto acabou a luta. Foi muito rápida. Foi uma grande luta entre dois campeões.

Sabemos que o Anderson é um exemplo de atleta. Acho que é o maior atleta que já houve na história do UFC. E isso é um orgulho para o Brasil. O Brasil é um celeiro de atletas. Foi aqui que surgiu principalmente o jiu-jítsu, que é a base do UFC. O MMA é completo, porque envolve boxe, muay thai e todas as outras modalidades. Para o atleta lutar um MMA, ele precisa conhecer todas as artes marciais, porque dependendo da deficiência dele, ele perde uma luta.

Parabenizo a Jennifer, a lutadora. As mulheres estão ocupando seu espaço. A nossa Bethe Correia estará em Singapura para disputar um cinturão. A luta dela vai ser o evento principal, vai ser a última luta. Esse será um evento que vai chamar a atenção do mundo todo. Uma brasileira participando de um evento como esse, para nós, é um orgulho, é uma satisfação.

No que depender da Câmara dos Deputados vamos ajudar. Essa audiência pública foi muito bem idealizada e promovida pelo Deputado Fábio Mitidieri, que é



meu amigo pessoal. Há outras demandas que defendemos e que são polêmicas, como a vaquejada e os rodeios. O pessoal da área ambientalista, que é o outro lado, tem outra visão em relação a esse esporte. Temos esse foco e defendemos essas modalidades de todos os esportes equestres, inclusive, nesta semana, já estiveram aqui vários representantes, porque vamos votar uma lei aqui no dia 10, que é justamente sobre as modalidades esportivas que utilizam animais. Sabemos da importância dessas modalidades esportivas também.

Fico feliz em estar aqui. Deixei de ir a Itu de manhã, para participar dessa audiência pública, por saber da importância dela e também por causa do convite do Deputado Fábio Mitidieri e do Wallid para presenciar esse momento e para poder ajudar as mulheres que são importantíssimas em todas as modalidades esportivas e não só no MMA.

A mulher hoje pratica futebol. Antigamente era muito raro as mulheres jogarem futebol. Hoje há muitas mulheres que praticam futebol, natação, vôlei basquete. Todas as modalidades esportivas que são de homens são de mulheres também. E no MMA não pode ser diferente.

Parabéns! Contem conosco para colaborar para que o esporte cresça cada vez mais e promova saúde, desenvolvimento e socialização entre as pessoas.

Obrigado pela oportunidade. Contem conosco.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Parabéns, Deputado Herculano Passos por sua explanação e pelo seu incentivo enquanto foi Prefeito. Não é todo mundo que tem a iniciativa de colocar um percentual fixo do seu orçamento para o esporte. Só faz isso quem tem uma visão mais à frente. V.Exa. demonstrou que foi um grande Prefeito em Itu e por isso mesmo incentivou o esporte. Quem incentiva o esporte e nele investe colhe os resultados. A juventude gosta e cresce. O esporte desenvolve a educação, porque ele também é meio educacional e meio de inclusão social. Parabéns a V.Exa. por tudo que colocou aqui hoje e fez em prol do esporte.

Eu queria agora começar a fazer algumas perguntas. Como o MMA é feminino, eu gostaria de começar fazendo algumas a Jennifer. Os colegas Deputados podem fazer os questionamentos que acharem devidos.



Jennifer, anotei três colocações. Vou fazer as três perguntas e depois você responde. Uma colocação falava sobre o preconceito. Como foi no início para você? Ainda hoje, como campeã, você ainda acha que existe algum tipo de preconceito? Quanto à questão dos fãs, o MMA ainda tem um público de fãs muito masculino, mas que aprendeu a torcer por mulheres, então, você vê um homem assistir a uma luta da Ronda. O Wallid está me corrigindo aqui e disse que 47% do público hoje é feminino. Os homens se reúnem, as pessoas se reúnem para assistir às lutas e torcem pelas mulheres da mesma forma. Você percebe isso no trato com seus fãs? Você acha que isso funciona?

Há um gráfico que o Wallid pode explicar depois que mostra MMA versus futebol versus público. Se você colocar um jogo de futebol feminino, o público é baixo, mas quando você coloca uma luta feminina de MMA, o público é alto. O interesse é maior, o IBOPE é mais alto. É interessante como o MMA feminino conseguiu crescer. Eu queria a sua opinião sobre isso.

Por fim, qual a importância de você ser campeã para o desenvolvimento do MMA como esporte? Isso reflete no cachê? O cachê feminino e o masculino conseguem se equiparar? Ainda há uma grande diferença entre eles?

A SRA. JENNIFER MAIA - Com relação ao preconceito, no começo, houve, sim, um pouco de preconceito. Na minha família, achavam que eu não tinha futuro nesse esporte, que não era um esporte que ia para frente. Com relação a amigos e a outras pessoas, eles também achavam que mulher não sabe lutar, porque mulher é mais frágil. Tinha toda essa questão, mas, com o tempo, eu fui provando para eles. Hoje em dia, eles viraram tanto meus admiradores quanto da luta, do MMA, porque, junto comigo, eles aprenderam a entender o MMA. Então, passou bastante essa fase de preconceito e, graças a Deus, hoje a gente conseguiu o reconhecimento das mulheres no MMA.

Em relação à segunda pergunta...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Sobre a relação com os fãs.

A SRA. JENNIFER MAIA - No começo, os fãs eram poucos. Era mais o pessoal que treinava, que acompanhava, que estava ligado mesmo ao esporte que dava valor. Depois que se expandiu mais o MMA, porque cresceu muito, ficou igual a dos homens. É muito gostoso você sentir que todo o mundo gosta de você, que



respeita seu trabalho. Pessoas de longe, de fora País, mandam mensagens e admiram o trabalho da gente.

Então, é bem gratificante essa parte dos fãs. Eu acho que é igual ou, às vezes, até mais, porque eles gostam muito da luta feminina.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Sobre a questão da importância de ser campeã para o desenvolvimento do esporte e a dos cachês.

A SRA. JENNIFER MAIA - Ser campeã ajuda valorizar muito os cachês. Na minha cidade, onde comecei a lutar e fui me destacando, os eventos conseguiram, conforme meu crescimento na carreira, valorizar minhas bolsas, mas chega um ponto em que os eventos também não conseguem incentivo financeiro, não conseguem ajuda financeira, e aí eles não podem ajudar mais o atleta nisso, porque eles não têm de onde tirar.

Então, fora do País, isso é mais valorizado, a gente consegue uma ajuda maior, em relação ao cachê. Conforme você vai sendo campeão, vai sendo mais valorizado, mas, no Brasil, ainda falta um pouco disso, por questão de ajuda mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Algumas pessoas falam, muitas vezes, Wallid, que o cachê nem sempre cobre o (*ininteligível*) do atleta. Aí o atleta demonstra o quanto quer lutar e crescer no esporte, porque, muitas vezes, o cachê não cobre o que ele investiu para estar ali naquele dia.

Como é essa relação com o atleta, Wallid? Eu sei que é para cima de você, como organizador, que o atleta, que o empresário vai, para negociar o seu cachê, enfim.

Já aproveitando a oportunidade, quero saber como é para você organizar o MMA feminino e o masculino e se há diferenciação na organização do evento, desde o vestiário até o trato, e sobre essa questão do cachê. Também quero saber sobre o público do MMA feminino e do MMA masculino, em termos de audiência, porque, hoje, a impressão que temos é de que eles se equiparam.

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Sem dúvida nenhuma, o MMA feminino hoje é uma realidade. Eu lembro que, quando botei a luta feminina pela primeira vez, pessoas próximas a mim me criticaram. É verdade isso. Falaram: "*Luta de mulher?*" Eu falei: "*Meu irmão, eu acredito que elas lutem. Eu as vejo lutar muito bem. Eu sou*



nascido e criado em academia. Então, quando elas treinam, treinam muito forte. Então, porque não vão lutar muito forte?"

A primeira luta foi um *show*: uma amazonense, em Manaus, no Jungle Fight, ganhou de uma japonesa. E a luta foi porrada total (*risos*). A realidade foi essa. E elas dão um *show*. É o que sempre acreditei.

Uma coisa importante: sempre paguei às mulheres o que pago aos homens.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Os cachês.

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Os cachês. Eu nunca paguei menos às mulheres. O Jungle Fight tem um padrão de cachê que não é alto, mas é o padrão da realidade do Brasil. Ele é bem realista, e as mulheres recebem a mesma coisa que os homens, na primeira luta, na segunda luta, na terceira luta, porque, na realidade, o Jungle Fight é um evento para descobrir os novos talentos do Brasil.

Às vezes, não dá para chamar todos, escapa também. Uma vez um cigano chegou para mim e disse: *"Lembra, Wallid, acabou que você não quis que eu lutasse o Jungle"*. Eu falei: *"Cigano, não dá para eu pegar todo o mundo"*. Não tem como eu abraçar todo o mundo. A realidade é essa.

A Jennifer escapou. Não sei como a Jennifer não lutou no torneio do Jungle Fight e nem no do Pink Fight. Eu tinha um evento chamado Pink Fight.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Ah! Você lutou o Pink Fight? Então, você lutou para mim. (*Risos.*)

Gostei, Jennifer! Adorei agora! Então, lutou para a minha empresa. O Pink Fight era um evento 100% feminino.

Você lutou em qual?

A SRA. JENNIFER MAIA - Não lembro qual foi. Foi em Porto...

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Foi na Bahia, em Porto Seguro.

A SRA. JENNIFER MAIA - Isso.

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Foi demais. Elas deram um *show*! O evento ficou lotado. Foi uma loucura.

Eu fico muito feliz de saber que você lutou. Eu fiquei mais feliz ainda, porque realmente é um esporte que eu amo e a que me dedico 24 horas. Eu não tenho outro emprego, mas eu faço a realidade.



O Brasil está em crise e, muitas vezes também... No ano passado mesmo, eu meti a mão no bolso, tirei dinheiro e botei na empresa. E botei forte. Não gosto de falar de números, mas foi forte, porque eu sei que vai ser um dos maiores esportes do mundo. É um dos maiores esportes do mundo.

Eu até brinco. Eu digo que vai ser o maior esporte do Brasil, mesmo que o futebol seja uma religião. Se você for pensar desse jeito, o MMA é a grande força do esporte nacional, é um esporte que massifica, que já é massificado nas comunidades. Eu tenho inclusive um Jungle, que se chama Jungle Fight Comunidade, que é justamente para esses atletas que o Deputado Sabino falou, que são os atletas que não têm condições de comer. Então, temos uma categoria de lutadores de favela, para aqueles que têm as mesmas condições.

Então, fico feliz de fazer esse trabalho e fico mais feliz agora, Jennifer, de saber que você lutou o Pink Fight. *(Risos.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Wallid, quero fazer um questionamento também em cima dessa comparação de futebol com o MMA e do que foi dito aqui sobre a estrutura do Brasil, comparando com a dos Estados Unidos.

No futebol, o atleta sai daqui para jogar na Europa, para jogar até na China, porque encontra estrutura muito maior. Ele encontra não só o salário, mas a estrutura como um todo, na Europa e nesses outros mercados, até na China, que não tem muito o que mostrar, mas que está pagando muito.

Então, se isso ocorre no futebol, eu acho que no MMA é natural que você tenha eventos, como o Jungle Fight, o Nitrik, o Bitetti Combat e outros, que estão realizando aqui no Brasil mas que não conseguem competir ainda com os eventos americanos, porque lá é a nata ainda, é onde a infraestrutura econômica é muito mais forte e muito maior. Nos Estados Unidos, por exemplo, que não têm tanta tradição de futebol, há campos de futebol por esquina e a estrutura é gigantesca. Se isso dependesse só de infraestrutura, eles teriam os melhores atletas de futebol, e não é bem assim. No Brasil é nata a questão do MMA, o País tem atletas com tradição, e nós vemos o esporte crescer mais uma vez dentro do Brasil, agora através do MMA feminino.

O Wallid colocou uma coisa importante quando disse que 47% do público já é feminino. Se 47% do público já é feminino, como é que se pode pagar um cachê



menor — não pode. Quando o Wallid coloca que paga o mesmo cachê é porque ele também tem um público que desperta o mesmo interesse para ver a Jennifer lutar que desperta para ver um campeão masculino. Então, eu acho importante que mantenhamos isso.

Quer falar, Deputado Sabino?

O SR. DEPUTADO SABINO CASTELO BRANCO - Quero só dar um exemplo aqui, Presidente, já que V.Exa. falou de futebol. Eu estive há pouco tempo num Município no meu Estado, que o Wallid conhece, próximo de Porto Velho, que é Humaitá. E lá surgiu um rapaz que tinha um sonho quando criança: jogar bola. A mãe dele era costureira. Ele dizia à mãe: *“Mãe, eu quero ser jogador de futebol”*. E a mãe dizia: *“Então vá jogar!”* E ele falou: *“Eu jogava bola de manhã e de tarde e dormia com a bola à noite”*. Passado um tempo, ele foi contratado para jogar no São Raimundo, lá em Manaus, onde passou 6 meses. Depois ele foi para o São Caetano. De lá o levaram para a Europa, onde jogou na França, na Inglaterra. Ele tem 33 anos e rescindiu o contrato agora. Voltou para a cidade dele, Humaitá. Tudo o que ganhou na Europa — tudo — ele investiu na cidade dele. Em Humaitá, o melhor hotel é dele, a melhor academia é dele, o melhor condomínio é dele, a fazenda com tanques de criação de peixes é dele, bem como a fábrica de processamento de castanha. Ele é um exemplo. E ele falou: *“Mano, eu não tinha nada na vida. A minha mãe era costureira. Eu a via fazer as minhas roupas. Mas eu acreditei no meu sonho. Eu fui para Manaus e só comia íngua. Mas eu acreditei e cheguei à Europa”*. Hoje ele é um homem bem sucedido financeiramente. E quem proporcionou tudo isso a ele e à família dele foi o esporte. Ele conseguiu chegar lá. Em Manaus existem poucas casas iguais à do jogador Iriney, lá em Humaitá, em sua fazenda, e ele não quer sair de Humaitá — a esposa dele é da Espanha —, mora lá com os dois filhos, é tudo na vida dele. Podemos ver o que o esporte pode proporcionar a uma pessoa tão humilde pelo exemplo do Iriney.

Eu gostaria de lhe deixar uma sugestão, Sr. Presidente: que possamos pegar o depoimento dessas pessoas, para em outra audiência pública mostrar aqui, a fim de que se saiba o que o esporte pode fazer na vida de uma pessoa que às vezes acha que, por ser tão humilde, aquilo não pode acontecer com ele, mas pode. Quem não sonha não serve para viver. Eu acho que todo mundo tem um sonho. E às



vezes um depoimento desses é um incentivo para um jovem que está perdido no mundo das drogas e acha que não há mais chance para ele. Isso aconteceu com a Jennifer, aconteceu com o Wallid, aconteceu comigo. Um dia nós andávamos juntos e eu cheguei aqui. Pela terceira vez sou Deputado Federal; duas vezes fui vereador da minha cidade. O meu filho é o vereador mais votado na cidade de Manaus. Tudo isso aconteceu porque eu acreditei que aqui poderia chegar. Exemplos como os nossos podem mostrar para o Brasil que a gente pode conseguir quando a gente acredita. Porque a minha preocupação hoje, Presidente, é que essas pessoas venham para o esporte. Essa é a também preocupação do Wallid e, acho, também da Jennifer e do Rafael. É que eu estou vivendo no mundo em que estou dentro do inferno, que é o mundo das drogas. Eu pedi que esta Casa criasse uma CPI para investigar as facções criminosas neste País. Hoje sou um homem escoltado 24 horas pela Polícia Federal. Mas eu não abro mão, porque vejo na minha cidade a maioria dos jovens entregue às drogas. Eles estão pedindo: *“Por favor, ajudem-me a sair das drogas, porque eu não aguento mais. Eu sou escravo do diabo. Eu não quero mais!”*

Mas essa droga faz com que a gente vá atrás dela, porque não tem um incentivo. Há o Wallid, que dá oportunidade a esses jovens. Amanhã, a Jennifer pode fazer o mesmo, por meio de projetos sociais. E esta Casa tem esse dever. E peço ao senhor, que está nesta Comissão, que possamos incentivar esses jovens a saírem dessa droga que não adocece só uma pessoa. Quando há um viciado dentro de Casa, toda a família fica doente. É triste um pai e uma mãe verem isso. Eu luto, vou lutar até o final contra isso e gostaria de pedir que o senhor levasse adiante essa luta, porque, abaixo de Deus, a educação e o esporte são as únicas coisas que podem tirar essas pessoas das drogas, a exemplo do que estamos vendo hoje.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Deputado, eu queria corroborar com o que V.Exa. colocou, porque temos vários exemplos de atletas ainda em atividade que mantêm projetos sociais de várias modalidades, não apenas do MMA e do futebol. Há várias modalidades em que se faz isso. E são atletas bem-sucedidos. Em meu Estado, o jogador de futebol Diego Costa, que está no Chelsea, oriundo de uma cidade chamada Lagarto, no Estado de Sergipe, mantém lá um



trabalho, uma escolinha; enfim, ele investe na cidade, mora lá. E não há uma folga que tenha lá na Inglaterra que ele não vá a Sergipe visitar seus amigos. Eu entendo isso como voltar às raízes, voltar para a sua casa, para a sua família, que é o que deve ter acontecido com o seu atleta lá.

Jeniffer, antes de eu perguntar algo ao Favetti, eu queria saber o seguinte: agora que você é campeã, como ficou essa questão de patrocínio? Tem melhorado algo? Algum patrocinador tem aparecido?

A SRA. JENNIFER MAIA - Então, no momento em que eu fui campeã melhorou bastante. Eu me consagrei campeã em março de 2016, aí melhorou bastante. Mas, com a crise no País, isso deu uma diminuída. Então, não dá para eu me manter com patrocínio ou só da luta. Eu dou aula de lutas, de Muay Thai e Jiu-Jítsu, também tenho um projeto social, mas não conseguimos nos manter só com patrocínio e luta, a gente tem que correr atrás de outras formas também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Para completar a renda, né?

A SRA. JENNIFER MAIA - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - E aí é difícil competir em alto nível, não é, Favetti, quando se tem um atleta em outro país, a exemplo do que ocorre nos Estados Unidos, que tem uma estrutura pronta. Aqui o atleta tem que dar aula, manter a sua família. A Karina ainda falou na questão de ser mãe e atleta, quando se tem família para cuidar. Entendo que deve ser um esforço a mais para vocês.

E aí a gente aproveita esta audiência para fazer um apelo aos empresários deste País que veem no esporte uma grande oportunidade de divulgação de marca, de marketing, para que vejam atletas como a Jennifer, que são campeãs mundiais e podem ser grandes divulgadores de seu produto, de sua marca.

Favetti, eu queria retomar aquele questionamento que fiz há pouco sobre essa legitimidade com o *ranking* e com o *pay-per-view*. Você falou muito sobre o MMA no modelo atual, que teria mais legitimidade. Mas a gente ouve reclamações constantes de atletas que estão ali no “Top 2” ou “Top 3”, mas não conseguem às vezes disputar um cinturão, em virtude de interesses comerciais, ou porque outro atleta vende mais ou porque a imagem dele é mais explorável pelo marketing e consegue um “title shot”. Você não acha que isso é um argumento contra?



Aproveitando, eu falei sobre a questão de que o MMA foge da pirâmide olímpica, mas tem a figura do Dana White querendo levar a modalidade para as Olimpíadas. Não seria um conflito de interesses, de sistemas? O MMA não é um sistema que hoje funciona diferentemente das outras artes marciais que estão dentro da pirâmide olímpica? Como você vê esse contexto?

O SR. RAFAEL THOMAZ FAVETTI - A ABC, *American Boxe Association*, para quem não sabe, é o lugar que reúne todas as comissões atléticas, da qual a nossa faz parte — a única não americana, que é um orgulho para os brasileiros também. É de lá que saem as regras unificadas do esporte. Então, é nessa reunião da ABC que acontece uma vez por ano que saem as regras unificadas.

Há 2 anos houve uma proposta na ABC para que se adotasse no MMA o *Muhammad Ali Act*, que é a lei federal americana que se aplica ao boxe e fala sobre *ranking*. O que disse a ABC? A ABC não adota o *Muhammad Ali Act* para o MMA. E por quê? Em primeiro lugar, como no mundo do MMA temos empresas privadas, como é o caso da empresa do Wallid e também do UFC, etc., cada uma vai ter a legitimidade para com o seu público à medida que tenta seguir o *ranking*. Isto é, se uma empresa coloca o atleta que está em 12º lugar no *ranking* para o *title shot*, evidentemente, as pessoas vão dizer: “*Olha, essa empresa não é séria, esse ranking não é sério*”. Então, a legitimidade se dá exatamente à medida que os organizadores tentam seguir o *ranking*. E acho que essa é a beleza do esporte.

Essa crítica de V.Exa., Deputado, é fundamental, porque a gente deve começar a exigir que as organizadoras de eventos prestem mais atenção a essa situação de *ranking*. Essa grita, essa crítica é superválida e positiva, eu acho, porque é algo para levarmos aos organizadores de eventos e dizer o seguinte para eles: “*Olha, prestem a atenção nisso: a observação do ranking, para nós, espectadores, é relativamente importante, porque dá o caráter de seriedade e legitimidade*”.

Então, nada a falar sobre isso, a não ser que a legitimidade dos eventos passa exatamente, como um de seus componentes, pela observação do *ranking*.

Quando o Prof. Wallid começou o MMA no Brasil, etc., a legitimidade era outra. O que o telespectador buscava em um evento de MMA? O que se buscava para se dar legitimidade? Saber se o árbitro não era comprado; se o Juiz não era



amigo do lutador; se o cara não estava ultradopado; se na mão do cara, na hora de colocar a luva, tinha uma pedra. Essa era a grande preocupação quanto à legitimidade. E os eventos foram acontecendo. Os bons eventos ficaram. A legitimidade nos bons eventos, como é o caso do Jungle e outros, foram se consolidando. E isso porque as pessoas diziam: “*Não, esse evento é sério, tem um Juiz independente, um árbitro independente, etc.*” E a própria composição da Comissão Atlética, no começo, quando surgiu com bastante crítica, depois fomos cada vez mais caminhando para o mesmo lado. Hoje, a Comissão Atlética e o maior organizador de eventos no Brasil, que é o Wallid, falam a mesma língua em relação à segurança de atleta, à dopagem, às regras e a quase tudo.

Agora, essa questão do *ranking* é limitada ao organizador do evento. Se eu tiver um organizador de eventos que coloque um cara que está no 15º lugar para lutar no *title shot*, eu não vou mais acreditar nesse evento, ele perde a legitimidade.

A pergunta que fica é a seguinte: há alguma forma de se exigir que se respeite o *ranking*, como existe nos Estados Unidos para o boxe?

Acho que ainda vale a pena apostarmos nesse modelo de legitimidade, como essa que o senhor está colocando. Vamos criticar, então: eu quero ver o fulano ou o beltrano disputando o *title shot*, se ele for o segundo ou terceiro no *ranking*. E acho que é um bom caminho para acusarmos e falarmos: “*Olha, esse organizador está errado quando coloca o cara que está no 8º lugar no ranking para disputar...*”

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Sem querer interromper, mas já interrompendo: todo esporte, quando vai para o nível profissional, passa a ser negócio também. Mas você não acha que nesse sistema ele é mais negócio do que esporte. E digo isso porque você se preocupa muito com a venda do *pay-per-view* e outras coisas, por exemplo, quando se abre possibilidades, como está ocorrendo agora no UFC, de criar vários cinturões interinos. Eles pegam atletas aposentados para voltar a disputar cinturões. Mas o outro que está treinando todos os dias — não é, Jennifer — que está ralando, que está em 1º lugar ou em 2º lugar no *ranking* não vai disputar o cinturão porque algum atleta resolveu sair da aposentadoria e é escalado direto, porque vai vender mais. Você não acha que isso depõe contra o próprio esporte, pois ele passa a ser mais negócio do que esporte?



Sabemos que o atleta tem uma carreira curta. Às vezes, o auge do atleta não dura tanto tempo quanto ele gostaria e não pode ele ficar esperando uma luta. E no MMA a luta é realizada, às vezes, de 6 em 6 meses — e isso se não houver uma contusão, porque aí ele ficará parado 1 ano. E aí agora tem título interino para todo lado agora. Você não acha que isso depõe um pouco contra?

O SR. DEPUTADO SABINO CASTELO BRANCO - Sr. Presidente, só um aparte: eu tenho que embarcar agora, às 14h05min. Eu iria viajar ontem à noite, mas fiquei em Brasília apenas para participar desta audiência pública.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - À vontade, Deputado. Agradeço a presença a V.Exa.

O SR. DEPUTADO SABINO CASTELO BRANCO - Quero dizer aqui para o Wallid, para o Rafael e para a Jennifer que vamos ficar à disposição. O meu gabinete está à disposição de vocês. Podem contar comigo. E quero agradecer a V.Exa., mais uma vez, pela iniciativa. Conte também comigo para qualquer audiência e, quando houver oportunidade de ir aos eventos, quero estar junto com V.Exa., porque eu quero conhecer.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Obrigado, Deputado.

A Jennifer pode comentar sobre isso, mas, como eu já tinha feito a pergunta ao Favetti, peço-lhe que comente e, logo após, ela também.

O SR. RAFAEL THOMAZ FAVETTI - Em primeiro lugar, o nível analítico das perguntas do Deputado Fábio são da “pesada”, é quase como entrar no ringue. *(Risos.)*

Mas é um pouco isso: acho que duas coisas são importantes para qualquer tipo de esporte quer queira crescer: a primeira delas é exatamente esse ponto: quanto mais ele fica negócio, é melhor para o esporte porque eu pago mais o atleta; quanto mais negócios eu tenho, mais possibilidades eu tenho de ter atleta profissional; quando menos negócio eu tenho no esporte, mais o esporte fica amador. É o caso do punhobol no Brasil, que quase entrou nas Olimpíadas — se não me engano, ele já faz parte da pirâmide olímpica. Mas essa modalidade é muito pouco vista no Brasil como profissional. Então, eu não tenho grandes campeonatos de punhobol, etc., e fica muito amador. E aí eu não tenho atletas. Então, eu não sei



se é tão ruim para o MMA o profissionalismo do *business* chegar. Para o atleta talvez seja bom. É um problema a se discutir. Realmente, eu não tenho uma resposta de bate-pronto. Mas entendo a crítica e, especialmente, o que está por trás da crítica, que é a questão da arte, a qual tem que ser preservada, evidentemente; não pode ser só *show business*. Por outro lado, acho que, quanto mais negócios houver, melhor será para o atleta, em razão da situação dele.

A segunda coisa mais importante para o crescimento de qualquer esporte é o nível de fãs. E o Prof. Wallid, por exemplo, é uma pessoa que viveu toda essa trajetória. Tanto no Jiu-Jítsu, quanto no MMA e no Muay Thai etc., tivemos um período no Brasil que só gostava dessas modalidades quem as praticava...

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Ou quem assistia.

O SR. RAFAEL THOMAZ FAVETTI - ...ou quem assistia. Então, você fazia um evento de MMA e só ia quem? Porradeiro. Só sabia quem lutava quem treinava. Quando o *Shift* começou, a minha mãe começou a gostar de MMA; meu pai, que nunca entrou numa academia, começou a gostar de MMA; o padre começou a gostar de MMA. Isso é importante para o esporte, porque amplia o assunto. E assim é no futebol: pessoas que nunca jogaram bola são os maiores fanáticos dos seus times. A pessoa que nunca jogou bola é o cara da torcida, que vai lá, xinga o juiz... E é aí que explode o esporte. Acho que isso o que devemos sempre procurar. E o MMA chega nisso.

E o senhor comentou, Deputado, acerca das dificuldades do esporte no Brasil. Veja que tivemos dois grandes eventos no Brasil, em especial o último deles, que é o maior evento do mundo esportivo, que são as Olimpíadas, que tem um número doze vezes maior do que a FIFA World Cup. Nós recebemos esses eventos no Brasil, e uma das coisas que se pretende, quando se realiza uma Olimpíada em um País, é que haja divulgação dos esportes. Uma das missões que se tem, quando se recebe uma Olimpíada na Rússia, no Brasil ou onde quer que seja, é que outros esportes sejam difundidos. Então, nos tivemos no Brasil as Olimpíadas, mesmo assim os atletas do arco e flecha, do tiro e da vela ainda não conseguiram tanto patrocínio. Repito: mesmo com a Olimpíada, mesmo com a pirâmide olímpica vindo para o País, mesmo com tudo isso ainda não conseguimos transportar para esses



esportes — no quais temos alguns medalhistas brasileiros — a questão do patrocínio.

E o MMA, mesmo fora da pirâmide, consegue ter até mais apelo de patrocínio do que os outros. Claro que estamos longe, como foi colocado pela Karina. Mas o mundo também está longe disso, a não ser alguns mercados extremamente maduros, como o americano e, talvez, o canadense. E nem na Europa é assim — não é, professor? Nem na Europa o lutador vive disso, de patrocínio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Em alguns países esses eventos são proibidos, a exemplo da França.

O SR. RAFAEL THOMAZ FAVETTI - É, na França é proibido. Então, talvez só em mercados de...

O SR. WALLID FARID ISMAIL - É a política do Judô, porque quem toma conta da França é o Judô.

O SR. RAFAEL THOMAZ FAVETTI - Alguns mercados, como é o caso dos Estados Unidos, da Red Bull, têm patrocínio até para campeonatos de aviãozinho de papel. E os caras têm patrocínio.

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Eu morei 15 anos nos Estados Unidos. É a maior ilusão que existe é que os atletas que estão começando nos Estados Unidos vivem às mil maravilhas. Isso é maior ilusão do mundo. As bolsas se equiparam às do Brasil — refiro-me aos eventos menores, que não o UFC.

A verdade é essa. Desculpe-me interrompê-lo. Muita gente fala dos Estados Unidos, mas não é nada disso. Um atleta meio-pesado que se aposentou, o Jhonson, dormia na academia. Ele tinha um contrato comigo e vinha lutar no Brasil para mim. E foi aí que o UFC o chamou. Então, assim... Poxa, eu morei 15 anos lá. Então, ninguém chega...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - O Anthony Johnson?

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Isso, o Anthony Johnson. Ninguém chega para mim e vai falar: "*Olha, nos Estados Unidos...*" Eu posso falar com qualquer um, porque eu morei 15 anos em Los Angeles como lutador, quando ninguém sabia nem o que era MMA. E nos tempos de hoje os lutadores ainda estão na guerra. Os que estão começando lutam por... Mais ou menos assim, é uma guerra, mas é o que eu digo: só os fortes que realmente querem vencer na vida continuam.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Uma pergunta para a Jennifer, para que ela participe também. Você vinha falando essa questão de você ser um atleta que está no alto nível, e, de repente, o evento vai e coloca outro para lutar, porque vende mais, ou porque tem um marketing, ou porque estava aposentado e retorna, como a gente está vendo aí com GSP; como você vê isso como atleta?

A SRA. JENNIFER MAIA - Então, eu também não tenho muita resposta para isso. Graças a Deus o evento que eu sou campeã, claro que tive minhas dificuldades para conseguir chegar a ser campeã. Mas eles viram o ranking, eu estava em segundo, e, então, não havia razão por que não me colocar para disputar o título. Então, graças a Deus, com isso, o evento foi bem fiel ao ranking. E eles seguem essa linha do ranking, independentemente de a pessoa causa uma polêmica ou não, porque eu até falo que se depender disso eu não chegaria onde eu cheguei, porque sou uma pessoa mais tranquila, eu não gosto de falar muito. Então, graças a Deus, nesse evento, não é assim. Mas a gente ainda vê isso, e eu espero que não aconteça mais.

O SR. RAFAEL THOMAZ FAVETTI - Só para terminar a questão do esporte olímpico. O senhor comentou acerca de virar ou não esporte olímpico. Veja, é evidente que há um movimento mundial, e a Comissão Atlética Brasileira está inserida nesse movimento, capitaneada pela IMMAF, que é a organização internacional de MMA, de se aproximar do chamado *SportAccord*, que é a primeira grande fase para virar esporte olímpico. Porém, não é bem o MMA profissional. O que se está pensando é a tentativa de se criar um atleta e um MMA paraprofissional, para que aí sim vá às Olimpíadas, por quê? Porque daí eu vou ter um componente de nação, eu vou ter que ter uma seleção brasileira. E a pergunta é: quem vai organizar a seleção brasileira de MMA? Essa é a grande questão hoje.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Seria como o boxe olímpico e o amador?

O SR. RAFAEL THOMAZ FAVETTI - Como foi o basquete durante muito tempo, como foi o boxe, que até agora ainda é um pouco. Porque a grande questão de virar olímpico...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Se você virar profissional, você não pode lutar a olimpíada, no boxe. Você tem que ser amador.

O SR. RAFAEL THOMAZ FAVETTI - É isso. No basquete, isso terminou há pouco tempo. Havia até a questão da quantidade de atletas. E, por fim, o futebol: no futebol olímpico, eu tenho um número limitado de jogadores profissionais que eu posso levar, de jogadores acima de 23 anos. Então, eu acho que o caminho é esse. Por quê? Porque se eu transformar, se eu simplesmente incorporar o MMA na pirâmide olímpica, acabou o Jungle Fight, acabou o UFC, acabou tudo isso. Eu vou ter uma grande federação brasileira, que vai fazer o ranking, que vai fazer a seleção, e eles é que vão enviar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Mas isso não seria um outro patamar? O que eu falo é o seguinte: não há como coexistir? Veja no caso do basquete que você citou: você chega nos Estados Unidos, no basquete, há donos de empresas; o beisebol também são empresas. O Dodgers está em Los Angeles, mas já foi de outra cidade, mas Los Angeles ofereceram a eles um estádio, e eles foram, levaram o time inteiro, e, mesmo assim, eles conseguem se enquadrar numa pirâmide olímpica. No caso da NBA, há franquias. E, mesmo assim, eles conseguem se enquadrar numa pirâmide olímpica. E eu acho que há um caminho.

O SR. RAFAEL THOMAZ FAVETTI - Há, sim, Deputado. E a última conversa que eu tive com o professor Wallid foi exatamente nesse sentido de a gente tentar unificar algumas coisas, para tentar criar um organismo brasileiro, uma organização nacional, que pense nesse sentido. Por quê? Porque a premissa é: olimpíada é seleção, seleção tem nação, eu preciso fazer a seleção, quem vai fazer a seleção? Não pode ser o UFC, não pode ser o Jungle, etc.

Então, cabe, sim, pensar pró-futuro. E eu acho que os grandes pensadores brasileiros do esporte, como V.Exa., como o Wallid, enfim, já estão pensando nisso. Nós já estamos conversando sobre isso, a gente já teve uma conversa sobre isso. O professor Wallid foi muito atencioso, entendeu muito bem, e já pensando por aí. A questão é: nós não teríamos hoje, no dia de hoje, condições de entrar no sistema. Porque nós não temos...

Para vocês terem um ideia, nós temos 12 confederações brasileiras, a maioria de papel, o professor sabe disso, a maioria não é real. Quem trabalha está aqui, não



é, professor? Quem trabalha mostra a cara e está aqui. Então, a nossa ideia é unificar o discurso, e, a partir daí, adotar esse movimento. E nós estamos mais adiantados do que vários países do mundo, porque o tamanho do Jungle, por exemplo, só tem no Brasil. Acho que nem nos Estados Unidos não tem, não é, professor?

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Eu jogo muito com a realidade do momento, para ser muito sincero. Eu sou muito amigo do Bernard Rajzman, que é o único sul-americano a fazer parte do COI, Comitê Olímpico Internacional, como o Bernardo, da jornada nas estrelas. E ele é meu irmão. Desde moleque, é um grande incentivador do esporte em geral. Foi medalha de prata olímpica. E eu conversei com ele: é uma política tão grande, é uma organização mundial tão incrível da qual nós ainda estamos a anos-luz. Lógico, vamos começar a trabalhar, sem dúvida nenhuma, tem que ter um começo.

Mas vamos ter o exemplo do jiu-jitsu, que, se fosse esporte olímpico, nós teríamos que praticamente 90% das medalhas de ouro seriam dos brasileiros. E não conseguimos, por quê? Há uma série de políticas mundiais, que é uma coisa muito incrível, e se eu for falar aqui nós vamos falar das Olimpíadas, de as pessoas votarem. Imaginem que o jiu-jitsu é forte em dois países, três países. Imaginem quantos votos você precisa para se transformar num esporte de apresentação, para, depois, virar olímpico. Então, são anos-luz.

Eu acho que o foco maior, desculpa até dizer isso. Eu sei que é importante falar das Olimpíadas. No momento, é importante realmente unificar as regras, o que é preciso o evento ter e fornecer para os atletas. É isso que eu acho que é o mais importante, para nós sermos efetivos, para que esta Comissão... V.Exa. já faz um trabalho excepcional, eu tenho acompanhado. Eu acompanhei as outras audiências públicas, duas. E o importante é focar nesse lado, das regras, dos exames, para nós sermos efetivos.

Já é efetivo, mas tipo assim, eu vivo esse esporte 24 horas por dia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Eu entendo o que você coloca, e o entendimento da Subcomissão é exatamente que a gente traga algo de produtivo para o MMA, seja ele masculino ou feminino, mas como esporte. Essa questão das Olimpíadas só entrou por conta da colocação do Favetti, da questão da



legitimidade. E não há uma necessidade de o MMA ser esporte olímpico, embora haja declaradamente o interesse do Dana White, do UFC, de ver, e que isso possa ser um caminho para o futuro.

Mas, quando você colocava ali que não é o foco do momento devido a distância, eu concordo. E as Olimpíadas, embora sejam enormes, foram realizadas no Brasil quando a maioria dos patrocinadores eram empresas públicas. Acabaram as Olimpíadas, vejam como estão essas confederações. Quase todas perderam os seus patrocínios ou tiveram os valores drasticamente reduzidos. Atletas que tinham uma visibilidade e um apoio expressivo hoje estão passando um pouco mais de dificuldades, e são atletas olímpicos, e vários deles ganharam até medalha nas Olimpíadas.

E se não fosse ainda o Bolsa Atleta que existe, do Governo Federal, aquele apoio, talvez, esses atletas olímpicos estivessem em uma situação ainda mais difícil. E nós estamos falando de esportes que são olímpicos, mas que não necessariamente sejam esportes tradicionais no Brasil. Peteca é esporte olímpico, mas você não vê ninguém jogando, então, para o Brasil, é diferente. E o MMA não é olímpico, mas é uma paixão nacional.

Jennifer, você gostaria de disputar as Olimpíadas?

A SRA. JENNIFER MAIA - Eu acho que sim, porque as Olimpíadas são o sonho de todo atleta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Todo mundo, todo atleta. E é isso que eu falo: todo mundo gostaria de ter, mas o MMA não tem a obrigatoriedade, porque está começando agora. Agora, se puder, quando o Dana White diz que gostaria de ver, é porque qualquer esporte gostaria de estar lá, nas Olimpíadas. Como o Wallid colocou, está muito longe ainda, talvez não seja algo concreto. Mas vontade sem ação não é nada.

O SR. WALLID FARID ISMAIL - E eu tenho uma coisa até importante. Eu acho que teria como trazer para perto da gente mesmo, porque nós temos umas divergências em alguns pontos, eu e o Favetti, apesar de o Favetti ser muito bom. Eu falo para ele, eu não gosto de falar com ele senão ele me convence. Eu digo: *"Favetti, eu não vou falar muito contigo, porque senão você me convence"*. Porque



há alguns pontos da realidade do esporte nacional que ele sabe muito bem que são muito diferentes da realidade do UFC.

O SR. RAFAEL THOMAZ FAVETTI - É claro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - E também da realidade da Comissão. Porque hoje o UFC faz três eventos por ano, e os eventos nacionais que existem são pequenos, e, realmente, não vou entrar nesse detalhe, que é um detalhe político do MMA que nós vamos trazer para cá, mas é importante haver uma exigência mínima. Essa conversa aqui seria o melhor lugar, também, porque isso tornaria... Aí, a gente tinha que ver com ele como é que poderia uma espécie de projeto de lei, que não pudesse haver evento que não exigisse as mínimas condições de saúde do atleta e que o risco do atleta seja o menor possível. Eu acho que esse é o caminho histórico. É uma coisa...

Eu brinco da seguinte forma, já que nós vamos fazer alguma coisa e estamos aqui, vamos fazer alguma coisa que vai ficar para a história e que realmente vai mudar o esporte no País, que é justamente unificar as regras de um país, que foi o primeiro do mundo a praticar o MMA, o Vale-Tudo. Naquela época, quando eu lutava, o MMA era chamado de Vale-Tudo. Imaginem isso. Mas ainda há muito que se conversar sobre esse assunto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Gostaria de deixar muito claro que esta Subcomissão não tem a intenção nem o poder — eu acredito — de, através de lei, unificar as regras de MMA. Isso cabe ao esporte, porque, se não, estaríamos fazendo ingerência no esporte. Mas nós temos a obrigação, através do nosso trabalho, através da lei, de criar as condições mínimas para a prática dos eventos esportivos de MMA no Brasil. Esse é o foco.

Agora, a regra...

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Mas era isso o que eu queria.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Agora, internamente, as empresas que hoje realizam o MMA no País e até no mundo devem falar a mesma língua.

Só quero deixar isso claro para as pessoas que estiverem nos assistindo em casa.

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Eu entendi. Eu me expressei erradamente.



A segurança dos atletas tem que ser fundamental, principal. Deve haver uma regra unificada para que todos os eventos no Brasil tenham essas condições mínimas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Essas condições seriam desde a ambulância dos primeiros socorros, a exigência dos exames mínimos de todos os atletas para a prática do desporto às coisas simples, como o vestiário, enfim, coisas necessárias.

Talvez pudéssemos chegar — não hoje, mas, mais à frente — a identificar as condições em que o atleta está sendo preparado para disputar essa luta, porque o atleta chega no lugar, no dia em que vai se apresentar para lutar. Ninguém sabe como foi o *camping* dele, qual é a situação que ele está vivendo.

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Isso acontece em eventos pequenos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Em eventos pequenos.

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Nos eventos grandes, você acompanha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Mas a grande realidade do Brasil são os eventos pequenos.

O SR. WALLID FARID ISMAIL - São os eventos pequenos. É verdade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - O Jungle Fight é o UFC do Brasil. É um evento grande. Então, essa é uma preocupação desta Casa.

Inclusive, fui informado aqui pelo Lindberg, Secretário desta Comissão, que há requerimento para a criação de um seminário, pela Comissão do Esporte da Câmara, em que se discutiria sobre os esportes que não participaram das Olimpíadas, mas que têm a pretensão olímpica de fazê-lo, para que possamos debater de que forma esta Casa pode ajudá-los nesse sentido.

Mas nós queremos incluir o MMA como um desses esportes que devem ser debatidos, já que o estamos discutindo aqui. Assim, haverá uma possibilidade distante de isso acontecer. Mas já é um início. Tudo tem que dar o primeiro passo.

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Isso é o começo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Mas é o início.

O SR. WALLID FARID ISMAIL - É o início. Tudo tem que dar o primeiro passo.



O SR. WALLID FARID ISMAIL - É histórico. Isso é muito legal. São coisas que daqui a 20, 30 anos as pessoas vão dizer: “*Olhem, o MMA começou assim*”. Eu acredito nisso, porque eu sou do tempo em que eu dizia que eu fazia MMA, o Vale-Tudo, e as pessoas me perguntavam: “*O que é isso? É Telecatch?*”

Lembro que um dia, quando eu fui correr na praia — sou das antigas — uma pessoa me disse: “*Ô, vida boa, né?*” Daí eu pensei: “*Mal sabe ele que eu vou correr 1 hora agora*”. (*Risos.*) Hoje é muito interessante, porque onde você vai todo mundo sabe.

Quando eu comecei a morar nos Estados Unidos, nós íamos para as academias desafiar os alunos, para mostrar-lhes o que era o jiu-jítsu, o que era o MMA. Isso foi há tempos. Mas só que isso ainda é muito novo.

O que está sendo feito nesta Comissão é histórico, porque nós podemos realmente fazer a diferença para esse esporte, que é um esporte de massa no Brasil, é uma coisa eficiente, que são realmente as regras, as condições mínimas de saúde, o que é muito importante. Ouvir o Favetti aqui é muito legal. Mas nós temos que colocar isso no papel.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - O Wallid é o atleta raiz. (*Risos.*)

O SR. WALLID FARID ISMAIL - A verdade é que a vida é muito louca. Todo mundo faz mil coisas... Ele sempre diz: “*Ah, nós temos*”. Ele me ligou um dia e eu lhe disse: “*Estamos juntos*”. Liguei para ele e, como ele não me ligou de volta, não liguei mais. (*Risos.*)

O SR. RAFAEL THOMAZ FAVETTI - Você não me ligou.

O SR. WALLID FARID ISMAIL - O WhatsApp está aí. Poder ver.

É simples! Eu sou o maior do Brasil; tenho 90% do mercado. Ele é de uma Comissão que eu não faço parte. Ele sabe que não dá para... Eu estava em uma reunião e resolvi passar uma mensagem pelo WhatsApp para ele. Quem sabe há uma parte de...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Se ele responder a ligação, ele vai convencê-lo, não é assim?

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Não, não vai me convencer. Mas vamos continuar a conversa, porque ele me ligou. Daí eu disse: “*Vamos conversar*”.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Jennifer, até para nos inteirarmos do assunto, eu queria saber se, quando você vai para uma luta, você normalmente faz o seu treinamento no Brasil ou se desloca para outro lugar? Como funciona isso para você?

A SRA. JENNIFER MAIA - Eu faço o meu treinamento no Brasil mesmo. Fazemos o arroz com feijão mesmo. Vamos na raça. Quanto à questão do valor da bolsa, o Brasil tenta ser igual a outros países também. Então, não há tanta diferença. Mas em relação à preparação para a competição, eu acho que a estrutura que eles têm, o apoio, a alimentação são melhores.

No Brasil, deixam um pouco a desejar quanto a isso. Mas eu faço tudo aqui. Muitas pessoas já me perguntaram: "*Ah, por que você não vai para o lugar da sua competição, fica lá um pouco antes, uns 3 meses?*" Mas eu não vivo só da luta. Eu dou aulas e gosto do que eu faço. Eu não quero ir para lá só pelo dinheiro. A minha família e os meus amigos estão aqui. Então, eu gosto de ir para lá para competir, para defender o Brasil. Mas, com relação à preparação, faço tudo aqui mesmo. Fazemos tudo na raça.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Você colocou aqui que você está como campeã no Invicta hoje, que talvez seja o maior torneio feminino, não é?

A SRA. JENNIFER MAIA - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Isso. É o maior evento feminino de MMA. E você disse que as bolsas são similares. Então, isso já é um avanço, de certa forma, para o MMA brasileiro, para os eventos brasileiros, nesse sentido.

Agora, a dificuldade que se coloca é o fato de se fazer um *camping* fora. Muitas vezes, esse custo não compensa, porque recai naquela situação em que estávamos discutindo, que até mesmo a campeã tem essa dificuldade.

Isso só vai mudar, Wallid, quando o MMA atingir os números no sentido financeiro, assim como já fazem os outros esportes que estão no mercado há mais tempo, como é o caso do futebol, de esportes que são pouco vistos no Brasil, como o golfe e outros.

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Mas o próprio futebol na base não é a mesma coisa.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Não, mas nós estamos falando de uma campeã...

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Ah! Nesse caso, não. Como está a sua situação, Jennifer, você tem patrocínio?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Ela disse que o valores das bolsas aqui no Brasil são similares às que existem lá, mas que ainda não são suficientes... Não é isso, Jennifer?

A SRA. JENNIFER MAIA - Isso. Em relação à questão de preparação, elas não são suficientes. Vemos que lá fora eles têm melhor preparação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - O custo disso seria alto, porque ela tem que trabalhar para poder manter a vida dela. Não dá para ela se virar só como atleta, não é isso?

A SRA. JENNIFER MAIA - Exatamente. Foi o que eu disse. E não é culpa do organizador. O evento, em si, o MMA, é um esporte relativamente jovem, no sentido do que o que nós temos hoje de profissionalismo.

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Na realidade, a Jennifer é uma excepcional atleta; ela é campeã do Invicta. O próximo passo dela seria o UFC. No dia em que ela for campeã do UFC, ela não vai precisar mais trabalhar. A realidade é essa, porque o Invicta ainda é um evento, uma base, não é verdade? Um evento 100% feminino, mas ainda não é como o UFC. Ainda não tem a força do UFC.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Mas segue o masculino. Compare o cachê do lutador de boxe com o do MMA.

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Nesse caso é outra coisa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Eu falo, Wallid, independente do evento, que o MMA...

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Entendi, entendi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - ..., como é um esporte ainda jovem, que ainda enfrenta alguns tipos de barreiras, não se trata de preconceitos, mas barreiras que nós identificamos, ainda não tem o retorno financeiro para o esporte que um boxe tem, que está aí, é um esporte secular.

Talvez, o nível de profissionalismo que o MMA está alcançando e o interesse que tem despertado, amanhã ou depois, as bolsas do MMA consigam chegar a esse



nível, mas essa não é a realidade hoje e, é claro, se nós pegarmos o futebol, os grandes ídolos do passado não ganhavam o que se ganha hoje.

Muito jogador hoje, que não jogou metade do que os jogadores do passado jogaram, ganham fortunas e eles nunca ganharam isso. Mas isso é o amadurecimento do esporte, enquanto negócio. É aquilo que nós falávamos antes, do negócio e o esporte. Eu acho que o MMA também é um pouco disso.

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Na realidade, o MMA é um esporte show. Eu falo isso para todo mundo. Ninguém pode esconder a realidade. Faz parte. O atleta tem que entender que ele é um artista. Ele tem que ter o lado da performance também fora do ringue.

Eu digo que a luta é um esporte diferente. O lutador tem que ter autoconfiança, mas saber se expressar. Isso é muito importante. O lutador saber falar, realmente saber o que quer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - E os seus atletas do Jungle Fight, eles são contratados por luta ou você tem um contrato?

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Eu tenho um contrato. Hoje tem validade de 3 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Você contrata um atleta por 3 anos?

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Por 3 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Eu vou lhe fazer um questionamento, eu não sei como funciona...

O SR. WALLID FARID ISMAIL - É claro, pode perguntar à vontade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Como o corpo do atleta é o seu instrumento de trabalho, eles têm um plano de saúde?

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Não, são todos particulares.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - É só para questionar, porque...

O SR. WALLID FARID ISMAIL - É lógico, é importante, é importante.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - ...os treinos geram muita contusão, muita luta cai na véspera...



O SR. WALLID FARID ISMAIL - Aí na bolsa, ganha parte da bolsa. Se cair na semana da luta, faltando três dias para a luta, ele recebe parte da bolsa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Só para entender, o plano de saúde desses atletas é privado.

O SR. WALLID FARID ISMAIL - É privado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Eu não estou fazendo aqui argumentação sindical.

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Não, mas aqui é superválido. Se V.Exa. me der uma saída: *“Olha, Wallid, se nós formos por esse caminho...”* Eu aceito sugestão. *(Riso.)*

O SR. RAFAEL THOMAZ FAVETTI - Permita-me uma pequena interferência.

Há um lado ainda pedagógico, tanto dos organizadores quanto aqui, evidentemente, de V.Exas., um pouco da Comissão, de tentar explicar e até, às vezes, ensinar alguns atletas o que é ser atleta.

Atleta é um conglomerado, como o próprio professor disse, a pessoa tem que saber falar etc., que exige dele algumas preocupações.

Exemplo: vários — vários — atletas já foram vetados pela comissão atlética porque chegaram na hora da luta e não tinham o exame. Aí a pessoa fala: *“eu achei que o evento ia fazer”*. Não. Se o atleta é atleta, o SUS faz todos os exames, ele tem que estar com a vida dele completa. É como uma pessoa querer fazer corrida de Kart ou de Fórmula 1 e não ter carteira de habilitação. *“Eu não sabia”*. Meu Deus do céu!

Então, há um caráter pedagógico, nós estamos vivendo isso...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Mas na Fórmula 1 acontece, ouviu?

O SR. RAFAEL THOMAZ FAVETTI - Essa sua pontuação agora, de saber dos atletas, estamos com um caráter pedagógico de ensinar os atletas brasileiros a serem atletas também.

Quer dizer, nós também não podemos somente vitimizar os atletas e olhar para eles como se fossem pessoas que não têm responsabilidade no sentido de tentar fazer com que a sua imagem e o seu plano profissional seja tarefa dele também. Não é só treinar, não é só isso, é ser atleta profissional.



O que diferencia o atleta profissional do outro é ter uma série de requisitos que ele tem de cumprir, em especial nessa questão dos exames, que é a questão que mais me chama a atenção e é o que mais nós vemos na realidade: atletas profissionais que não estão com os exames em dia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Eu não falo nem na questão do exame, porque exame é algo que a pessoa vai fazer corriqueiramente, antes das lutas, uma, duas, três vezes, dependendo da validade do exame, e é óbvio que tem que ter os exames em dia, porque é um esporte de contato, há contato com sangue, há doenças que são transmissíveis, então, tem que ter, sim, toda a garantia para o atleta.

Quando eu perguntei a questão do plano de saúde é porque o atleta se machuca. Ele pode ter uma contusão, quebrar um braço no treino, uma coisa ou outra e, daí, acabou, no sentido de que ele vai ficar um tempo parado para se recuperar e nesse tempo ele não faz dinheiro. Foi nessa linha.

Eu não estou dizendo que o Jungle ou qualquer outro evento tenha a obrigação de fazer isso. Eu só questionei se existe, porque é uma dúvida de quem está como fã, de quem está assistindo e de quem quer, de alguma forma, contribuir.

Não é isso, Jennifer?

A SRA. JENNIFER MAIA - É isso mesmo. Tem muita gente que me pergunta: se caso eu me machucar, o evento arca com as despesas. Eu falei que, infelizmente, não. Nós mesmos, atletas, é que temos que correr atrás e nos recuperar. Se precisarmos pagar alguma cirurgia é por conta nossa, não é do evento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Mesmo que seja decorrente da luta? Ou nesse caso eles cobrem?

A SRA. JENNIFER MAIA - Depende do nível do evento, se ele tem uma ajuda para isso. Tudo vem no contrato. Antes da luta é decidido, se houver machucado, se eles cobrem as despesas da recuperação, mas depende do evento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Aí entra aquela questão que nós falamos, da integridade do atleta, da saúde, que são coisas que nós temos que, como subcomissão que está analisando a realidade do MMA no Brasil, temos que analisar também.



O SR. WALLID FARID ISMAEL - Sempre um evento tem parceria com algum hospital, ou público ou particular. Caso aconteça algum problema no evento, esse atleta... As poucas vezes que ocorreu de um atleta precisar fazer uma cirurgia, tem sempre um hospital que fica parceiro do evento naquele momento, não para depois, entendeu?

Já aconteceu o caso de atleta preferir fazer cirurgia, se tivesse que fazer, na própria cidade dele. Aconteceu isso, porque não foi de urgência. Mas é uma questão bem delicada essa. Seria ótimo se o evento pudesse ter um seguro, como o UFC tem. Seria ótimo, mas o Brasil vive outra realidade. Temos que ser muito sinceros.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - E nós não estamos aqui colocando espada no pescoço dos responsáveis pelo evento; nós estamos questionando sobre como é essa realidade dos atletas, porque é uma preocupação. Quem faz o show são os atletas.

Você, Wallid, lutou durante muito tempo e tinha a responsabilidade de dar o show. O organizador do evento, se não tiver lutador para entrar no ringue, não vai ter quem compareça. Então, é uma preservação do seu próprio patrimônio, porque o seu negócio são os atletas.

Quando se tem um atleta que está sempre bem, condicionado fisicamente, que vai lá e dá o show, tem-se mais público, mais audiência, conseqüentemente, já que é negócio, se ganha dinheiro.

Porém, como você expôs, ainda há uma distância, nós estamos chegando lá. A ideia é que nós identifiquemos quais são as dificuldades, as barreiras e os objetivos, porque sem objetivo não se vai a lugar algum. Eu acho que o caminho é esse.

Eu vou passar a palavra aos senhores para que tragam suas considerações finais e assim daremos como encerrada esta audiência pública, já agradecendo a oportunidade de tê-los aqui, a atenção dos senhores com os amantes do MMA, com aqueles que estão hoje nos assistindo e também com esta Comissão de Esporte, esta Subcomissão do MMA.

Muito obrigado pela presença. Os senhores são parte importante da história do MMA e estão abrilhantando este evento.

Com a palavra o Sr. Rafael.



O SR. RAFAEL THOMAZ FAVETTI - Muito obrigado, Deputado.

V.Exa. sabe que aquilo que o Wallid falou, que nós já tivemos algumas divergências, foi mais no começo. Essas divergências acabaram e nós começamos a fazer, uníssonos, a figura em prol do MMA nacional nesta Casa. Foi em audiências como esta. Quando V.Exa. nos chama para conversar, nós vamos nos entendendo e conversando.

Agradeço o carinho, em especial, que V.Exa. tem com o MMA nacional, isso é mais do que conhecido. E nós, acredito que falo isso em nome também do Wallid que já vai falar, temos V.Exa. como um amigo do esporte e contamos muito com V.Exa. Todo o universo brasileiro do MMA conta extremamente com V.Exa. e com os Deputados da Subcomissão.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Eu é que agradeço, Favetti, pelas palavras generosas conosco. Estamos dando a nossa contribuição como amantes que somos do MMA.

Registro a presença do Deputado Sérgio Brito que está nos prestigiando.

Com a palavra o Wallid.

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Eu tenho que agradecer muito, Deputado Fábio Mitidieri.

Eu acho que a audiência sempre soma para o esporte. Nós estamos num momento muito importante do MMA nacional. O Favetti falou uma verdade mesmo. Todas as vezes que nos encontramos nas comissões, ele sempre conversava sobre isso, porque a nossa vida é sempre muito corrida e tem algumas coisas que nós não concordamos, mas todas as vezes que nos encontramos damos sempre um passo.

Quero falar que realmente nós podemos fazer história nesta Comissão, na parte dos exames médicos, isso de V.Exa. querer ir assistir aos eventos é muito importante. Então, vamos fazer um trabalho forte. Tudo o que V.Exa. precisar, eu estarei à disposição, porque eu posso falar que o MMA é a minha vida, eu não tenho outro esporte, não tenho outro trabalho, não sou médico, não sou advogado. O que eu fiz, a minha vida inteira, foi trabalhar em prol do MMA.

O SR. RAFAEL THOMAZ FAVETTI - Se quiser ir trabalhar lá no meu escritório...



O SR. WALLID FARID ISMAIL - (*Risos.*) Então, tudo o que eu fiz foi em prol do MMA, sempre pensando o que seria o MMA. Eu quando era faixa roxa, já dizia que ia ser o maior esporte do mundo.

Não sei se V.Exa. sabe, em 1991, como lutador, eu trouxe o MMA, o Vale Tudo, à época, de volta para o Brasil, porque faziam 7 anos que não tinha. Eu fiz um desafio nos jornais, e eu trouxe de volta esse esporte depois de 7 anos. Então, a minha história nesse esporte, modéstia à parte, é de dedicação, é uma vida dedicada ao MMA. Se realmente o senhor quiser, posso vir na próxima vez para falar sobre a questão dos exames, dos atletas que saíram e estão no UFC. Por exemplo, o Deputado Sabino falou do Nugette. Imaginem que é um garoto de rua que hoje tem um programa social no Rio de Janeiro. Ele era um garoto de rua de Brasília. Morava na rua e hoje tem uma família belíssima.

Eu digo para todos os meus atletas que saem de comunidade o seguinte: quando um atleta sai da comunidade e tem uma exposição, ele tem que voltar porque o que ele ganhou ele tem que dar para dez; e os dez têm que passar para cem; os cem têm que passar para mil. Essa é a matemática para os atletas ajudarem o esporte a crescer.

Esta Comissão é muito importante! Ela é muito importante porque esta audiência que estamos participando nos aproxima das pessoas que trabalham pelo esporte e nos incentiva a trabalhar ainda mais.

Eu só tenho a agradecer a todos os presentes. Vamos com tudo! Nós estamos só começando. O MMA é um esporte de massa e vai dar muito alegria ainda para o Brasil.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Eu é que agradeço, Wallid. Tenho certeza de que o MMA ainda vai crescer muito mais do que já tem crescido no País. Nós temos algo que ajuda muito. Os grandes ídolos do MMA mundial são brasileiros, e o brasileiro tem o perfil que gosta da luta, gosta do MMA. Por isso mesmo tenho certeza de que nós vamos conseguir ainda mais.

A Jennifer está com a palavra.

A SRA. JENNIFER MAIA - Quero agradecer a oportunidade também. Fico feliz que o MMA feminino está crescendo cada vez mais. Temos a Amanda Nunes,



que é campeã; a Bethe Correia; e agora, no dia 3, teremos mais uma brasileira para disputar o cinturão na UFC.

Cada vez mais as brasileiras estão se destacando. Ontem, abriu a minha categoria na UFC. Acredito que posso ser chamada. Vou esperar ansiosa que me chamem.

Então, acredito que, com todo o apoio que houver, vamos conseguir conquistar o mundo e crescer cada vez mais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Parabéns, Jennifer! Tenho certeza de que você logo, logo estará na UFC também fará, se Deus quiser, com que tenhamos mais uma campeã na UFC. Como campeã do Invicta — não é, Wallid? —, a tendência natural é ela ir também disputar e, se Deus quiser, nos trazer mais esse cinturão.

O SR. WALLID FARID ISMAIL - Com certeza. *(Risos.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Fábio Mitidieri) - Quero agradecer a vocês, mais uma vez, pela oportunidade de estar debatendo o MMA no Brasil, hoje, em especial, a realidade do MMA feminino. Jennifer, obrigado pela presença. Quero agradecer até as atletas que não puderam vir, mas mandaram vídeo, como a Bethe Correia, como a Kalindra, que perdeu o voo, mas fez de tudo para estar aqui.

Obrigado a todos os que acompanharam esta audiência e declaro encerrada a presente reunião. *(Palmas.)*